

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE LITERATURA NA CORRESPONDÊNCIA DE ITALO CALVINO

Raphael Salomão Khéde (UERJ)

Resumo: Através da leitura crítica da correspondência de Italo Calvino (1923-1985), realizamos uma breve reconstrução do início de sua formação intelectual e de sua trajetória como narrador. Luca Baranelli organizou em 2000 uma edição quase completa da correspondência de Calvino, produzida entre 1940 e 1985 e onde estão reunidos não somente um grande número de cartas enviadas por Calvino, como também trechos citados das cartas enviadas para o autor pelos seus correspondentes. Diante do enorme volume do epistolário, a escolha entre as cartas mais significativas foi tão difícil quanto necessária. Por tratar-se de um período bastante amplo, que abarca quase meio século, decidimos dedicar nossa atenção às cartas escritas entre 1940 e 1959, deixando para um segundo momento o estudo da correspondência dos anos sucessivos. Portanto, a partir da seleção realizada, acompanharemos Calvino a partir dos 18 anos, no início de 1942, logo após a conclusão do liceu clássico em Sanremo, cidade na Ligúria onde o autor cresceu; a inscrição na faculdade de agronomia em Turim, cidade que será o “centro de minha vida e de minha formação intelectual”<sup>1</sup>; sua participação entre os *partigiani* contra o nazi-fascismo no final da 2ª guerra mundial; a inscrição na faculdade de Letras e a tese sobre Conrad na universidade de Turim; a publicação do primeiro romance em 1947; o início da colaboração com a editora *Einaudi* que durou pelo resto da vida; a interlocução cotidiana com críticos e escritores, como Cesare Pavese e Elio Vittorini, que foram modelos fundamentais para a sua formação intelectual assim como para a sua produção narrativa.

Palavras-chave: Italo Calvino. Correspondência. Literatura italiana contemporânea. Narrativa.

---

<sup>1</sup> (CALVINO, 2000, p. 948). Daqui em diante esse trecho e os demais foram traduzidos pelo autor.

Segundo Luca Baranelli, mesmo não reunindo a totalidade das cartas escritas por Calvino, o livro pretende se constituir como uma antologia dotada de “massa crítica suficiente para a valorização seja da qualidade que da variedade dos textos” (CALVINO, 2000, p. LXXVI). Para Claudio Milanini, o epistolário de Calvino nos permite acompanhar de perto “um escritor que nunca parou de se interrogar sobre a própria identidade e sobre o próprio relacionamento com o mundo e que continuou a estudar durante a vida inteira” (CALVINO, 2000, p. XII). De fato, através da leitura da correspondência, somos informados detalhadamente não somente sobre a produção e a divulgação dos livros escritos por Calvino durante os anos quarenta e cinquenta, mas também sobre o diálogo assíduo que manteve com amigos escritores e críticos literários italianos e estrangeiros. É interessante notar, nas primeiras cartas, as tentativas iniciais do futuro escritor: em 1942, aos 18 anos, o jovem e idealista Calvino escreve para seu ex-colega de turma em Sanremo, Eugenio Scalfari (anos depois, importante jornalista e fundador do cotidiano *La Repubblica*), dizendo-lhe que a primavera do ano anterior lhe havia trazido ideias para uma dezena de contos que escreveu, e para mais uma dezena que não escreveu, além de uns vinte romances e dramas esquecidos e abandonados. Calvino termina a carta perguntando retoricamente para o amigo: “O que irá me trazer a próxima primavera?” e conclui: “Irei revolucionar a arte e o mundo” (CALVINO, 2000, p. 53). Nas cartas dos meses seguintes para o amigo, que se caracterizam sempre pelo humor e pelo tom irônico, Calvino fala sobre suas leituras e sobre seu forte interesse em escrever peças teatrais, influenciado por Tchecov, Ibsen, Pirandello e Eugene O’Neill. No mesmo ano, sempre em carta para Scalfari, escreve sobre sua concepção da arte como comunicação, concepção na qual Calvino acreditou até a fase final de sua produção; em outra carta afirma que “a sua arte sempre será social<sup>2</sup>, mesmo procurando ser o mais possível arte” (Ibidem, p. 131). Filho de um agrônomo e de uma professora de botânica, Calvino se inscreve em 1941 sem muito entusiasmo na faculdade de Agrária de Turim, mas em 1943, por causa da guerra, é obrigado a transferir a sua matrícula para a universidade de Florença. Na capital da Toscana, Calvino se inscreve rapidamente na biblioteca do *Gabinetto Vieusseux*, de onde “pega emprestado um livro por dia”, colocando em “sério perigo” seu rendimento nas provas da faculdade (Ibidem, p. 115). Se demonstra entusiasmado em carta de 1943 para Scalfari pela leitura de

---

<sup>2</sup> Segundo Asor Rosa, “ ‘civil’ foi sobretudo a sua concepção de literatura: concebida precisamente - próprio porque pesquisa, projeto, construção - como operação de civilização, direcionada a soldar no plano moral as escolhas individuais com as grandes escolhas coletivas e históricas” (ASOR ROSA, 2001, p. XII).

*Conversazione in Sicilia* de Vittorini, sobretudo “pelo estilo ao modo americano e pela profundidade do pensamento” (Ibidem, p. 122).

São pouquíssimas as cartas, somente para os pais residentes em Sanremo, em 1944, ano em que Calvino viveu na clandestinidade atuando ao lado dos *partigiani* durante a fase da “Resistência” contra o nazi-fascismo. Entre setembro de 1944 e junho de 1945 não consta nenhuma carta. No final de 1945 volta a escrever para Scalfari informando-o sobre a sua atuação como *partigiano*, sobre a série de perigos e dificuldades pelos quais passou arriscando a vida, sobre a prisão de seus pais e sobre sua filiação ao partido comunista.

Terminada a guerra, Calvino retorna para Turim, porém para se inscrever desta vez na faculdade de Letras e começar a colaborar com a revista (da editora *Einaudi*) *Politecnico*, dirigida por Vittorini. Inicia nesses anos o grande interesse pela obra de Hemingway e também a colaboração com o jornal comunista *l’Unità*. Na carta do dia 8 de novembro de 1946 escreve para o amigo e escritor Silvio Micheli sobre a intenção de publicar uma coletânea de contos pela editora *Einaudi*, porém Pavese, refere Calvino, lhe confidenciou que os contos têm pouca saída no mercado e que seria melhor para ele escrever um romance. “Ora, não me sinto à vontade em escrever romance: eu escreveria contos pelo resto da vida”, acrescenta Calvino (Ibidem, p.167).

Em 1947, porém, anuncia para Eugenio Scalfari a conclusão de seu primeiro romance, *Il sentiero dei nidi di ragno*, e sua intenção de se formar naquele mesmo ano com uma tese sobre Joseph Conrad; sempre em ‘47 Calvino escreve cartas para Marcello Venturi, reportando acontecimentos importantes de sua carreira literária: lhe diz que nos contos escritos até então seu único intento havia sido o de criar um próprio tempo narrativo e uma própria língua (Ibidem, p. 175) e tinha certeza de ter escrito um romance que, fora algum ponto morto aqui e ali, corre certamente firme da primeira à última página (Ibidem, p.178); Pavese, reporta Calvino, leu o manuscrito e o definiu como o primeiro romance que retrata poeticamente a experiência *partigiana* (Ibidem, p. 181)<sup>3</sup>. Ainda em 1947, escreve para Marcello Venturi anunciando que irá traduzir *Lord Jim* através da colaboração de Cesare Pavese (Ibidem, p. 187). O crítico Giansiro Ferrata (na época redator cultural do jornal *l’Unità*), na função de membro do prêmio *Mondadori*, havia reprovado o romance de Calvino, definindo-o “pobre de

---

<sup>3</sup> Pavese na edição do jornal *l’Unità* de 26 de outubro de 1947 definiu *Il sentiero dei nidi di ragno* “a história mais bonita até agora que possuímos sobre a experiência *partigiana*” (CALVINO, 2014, p. 149).

inventividade, exageradamente ‘*tranche de vie*’ e escrito em gíria”, segundo quanto escreve o próprio Italo para Marcello Venturi em abril daquele ano (Ibidem, p. 188).

Em outra carta de 1947 para o amigo, define o livro *A Story Teller’s Story* de Sherwood Anderson, traduzido por Fernanda Pivano e recém-publicado em italiano com o título *Storie di me e dei miei racconti*, uma obra interessante porque não nasce de um terreno literário e sim de uma “baixa novelística de jornal e da produção literária comercial”.

Em carta para o pai, Mario, em março de 1948, Italo anuncia sua colaboração, em breve, na redação da prestigiosa terceira página<sup>4</sup> do jornal *l’Unità* (Ibidem, p. 216). Para Elsa Morante, sua interlocutora até os últimos anos de sua vida, escreve manifestando seu enorme prazer ao ler seu romance recém-publicado, *Menzogna e sortilegio*, vencedor do importante prêmio *Viareggio*. Conta para Silvio Micheli que ele, Natalia Ginzburg e Giulio Einaudi, conheceram Hemingway em Stresa e, em 1949, escreve para o pai em Sanremo:

Parece que Einaudi finalmente decidiu publicar o famoso livro de contos [*Ultimo viene il corvo*]. E faria uma coisa boa: eu aos contos dou mais importância do que a qualquer romance que eu possa vir a escrever. Tenho um volume rico, com uns trinta contos e espero que ele aceite (Ibidem, p. 243).

Mesmo levando-se em consideração que o primeiro livro publicado por Calvino foi um romance, as recorrentes declarações sobre sua predileção pelo conto, como a acima reportada, são coerentes com a forma breve e concisa por ele adotada em sua produção narrativa e ensaística, para além dos limites entre gêneros literários diferentes.

Interessante, também, a carta para Pavese de 1949 onde define o romance *Fra donne sole* do amigo um livro cuja verdadeira mensagem é o aprofundamento “de sua lição de solidão, com algo novo sobre o sentido do trabalho, sobre o sistema trabalho-solidão, sobre o fato de que os relacionamentos entre seres humanos não fundados no trabalho são monstruosos, sobre a descoberta dos novos relacionamentos que nascem do trabalho [...]” (Ibidem, p. 250).

---

<sup>4</sup> Muitos jornais italianos, entre os quais *l’Unità*, dedicavam a terceira página à parte cultural.

Em dezembro de 1949 agradece o crítico Geno Pampaloni pela resenha do livro *Ultimo viene il corvo* publicada na revista *Comunità*, manifestando, porém, a necessidade de sair dos limites impostos pela imagem (criada pela crítica) de “escritor de aventuras, de conto de fadas e de diversão” (Ibidem, p. 259).

Outra declaração importante sobre o ofício de escritor é a que está presente na carta para Elsa Morante de março de 1950, para a qual Calvino, entre outras coisas, escreve: “para mim escrever sempre quis dizer partir em uma direção, apostar tudo numa carta, porém com a consciência de que existem outras cartas, com a consciência do risco e de não conseguir me expressar. Por isso, para mim escrever sempre foi problemático” (Ibidem, p. 272).

No mesmo tom é o que escreve para Natalia Ginzburg em agosto de 1950: “escrever é muito difícil, realmente não é uma brincadeira como eu achava no passado. Se eu fizer algo árduo será depois de ter penado e estudado muito a respeito” (Ibidem, p. 292). Na carta para Mario Motta em julho daquele ano cita como modelos mais uma vez Conrad, Tchecov e Hemingway. Em agosto de 1950, Calvino recebe a trágica notícia do suicídio de Cesare Pavese, definido por ele em carta ao pai um “amigo entre os mais queridos, escritor que amo muitíssimo, um mestre ao qual me une uma dívida de gratidão infinita” (Ibidem, p. 293). Em muitas cartas desse período e dos anos seguintes, Calvino dedicou várias palavras de enorme reconhecimento a Pavese; em carta por exemplo para Isa Bezzerra, em setembro daquele ano, o define como:

[...] não somente o autor predileto, um amigo entre os mais queridos, um colega de trabalho há anos, um interlocutor cotidiano, mas também uma das figuras mais importantes da minha vida, alguém a quem devo quase tudo o que sou, que determinou a minha vocação, que encaminhou, estimulou e seguiu sempre o meu trabalho, influenciando o meu modo de pensar, meus gostos, até meus hábitos na vida e meus comportamentos (Ibidem, p. 297).

Em diversas cartas nos meses seguintes Calvino se refere à publicação, por parte de *Einaudi* (em muitos casos sob sua supervisão), de textos já éditos e vários ainda inéditos de Pavese, como, por exemplo, o livro de poemas *Verrà la morte e avrà il colore dei tuoi occhi*, o diário *Il mestiere di vivere* (1935-1950), e o epistolário<sup>5</sup>; daqui

---

<sup>5</sup> Dividido em dois volumes: *Lettere 1924-1944* (1956) organizado por Lorenzo Mondo e *Lettere 1945-1950* (1966) organizado por Italo Calvino.

em diante Calvino dialoga com críticos como Carlo Muscetta e Geno Pampaloni, entre outros, informando-os sobre o estado e as condições da edição e da publicação da obra de Pavese e sobre sua repercussão entre os críticos e o grande público. São cartas através das quais conhecemos de perto o trabalho realizado por Calvino na editora *Einaudi*. Em novembro de 1950 escreve para Beppe Fenoglio, o qual ele mesmo teve o mérito de “descobrir” e sinalizar a Vittorini, uma carta onde analisa com sinceridade a obra do escritor:

Li *La paga del sabato*. Pude lê-la somente agora porque não tive, nestes meses, um momento de sossego. Mas seu conto me envolveu desde as primeiras páginas e tive que ir até o fim. Vou te dizer logo o que acho: me parece que você tem qualidades fortíssimas; claro, também muitos defeitos, muitas vezes você é displicente com a linguagem, várias pequenas coisas deveriam ser corrigidas, muitas coisas atrapalham o bom gosto - sobretudo nas cenas íntimas - e não todos os capítulos estão bem-acabados da mesma forma (Ibidem, p. 311).

No final da carta Calvino fala de outro elemento utilizado por Fenoglio na construção de suas narrativas que havia chamado a sua atenção: “você não julga explicitamente, mas, como tem que ser, a moral é toda implícita no conto e é isso, eu acho, que um escritor deve fazer”. Após alguns dias, escreve para Vittorini, enviando o manuscrito de *La paga del sabato* “de um certo Beppe Fenoglio de Alba”. Ele e Natalia Ginzburg o haviam lido com muito prazer:

É um livro que tem muitos defeitos de língua e de bom gosto (em certos pontos beira a pornografia); mas são todos defeitos locais, que podem ser eliminados com poucas correções. E surge um narrador robusto, sem qualquer complacência literária, com um monte de coisas para dizer. Há certas discussões com a mãe, certas refeições com a família, várias coisas sobre os relacionamentos familiares, íntimos ou humanos, que realmente me parecem muito boas (Ibidem, p. 313).

Calvino finaliza dizendo que Fenoglio “faz cinema e um bom cinema”, “seco”, assim como o definiria Vittorini (Ibidem, p. 313).

Em outubro viaja para a Rússia como membro da Federação Juvenil Comunista e somente ao retornar à Itália recebe a notícia da morte do pai, ocorrida no dia 25 de outubro de 1951. Em dezembro escreve para Vittorini expressando gratidão pela aprovação manifestada pelo amigo após a leitura do manuscrito do romance *Il visconte dimezzato*, que será publicado em março de 1952 como primeiro volume da trilogia intitulada, em seguida, *I nostri antenati*. Há cartas desse período em que Calvino, em nome da editora *Einaudi*, convida algum crítico a escrever uma introdução para um volume traduzido de outra língua ou para um romance de um jovem escritor. Para o crítico Carlo Salinari escreve em agosto sobre a importância para ele, ao escrever o *Visconte*, do “problema do homem contemporâneo (do intelectual para sermos mais precisos) partido ao meio, ou seja, incompleto, ‘alienado’ ” (Ibidem, p. 353). Em 1953, escreve para Anna Maria Ortese dizendo-lhe que leu e achou “lindo” seu romance *Il mare non bagna Napoli*, recém-publicado por *Einaudi*.

Outra declaração sobre o ofício de escritor se encontra na carta enviada para Raffaello Brignetti: “é impossível escrever sobre algo que não se tenha vivido por anos e anos e que longe de nos divertir e de nos interessar, nos irritou e fez sofrer” (Ibidem, p. 373).

Em março de 1954 responde a Domenico Rea que lhe havia feito perguntas sobre o “laconismo” de seus textos: entre os motivos apresentados está a “escolha estilística e a busca de fidelidade à lição dos clássicos” (Ibidem, p. 397). Em julho define como fundamental a observação de Niccolò Gallo sobre o interesse, manifestado constantemente por Calvino em sua produção, pelo desenho e planejamento da obra literária. Em outubro, em carta enviada a Alberto Carocci, aconselha a publicação na revista *Nuovi argomenti* do texto *Cronache scolastiche* de Leonardo Sciascia, definido por Calvino bastante “interessante”, “impressionante” e escrito por um “jovem literato muito inteligente” (Ibidem, p. 417).

Em 1955, após ter assistido ao filme *Le amiche* do diretor Michelangelo Antonioni, inspirado no romance *Tra donne sole* de Cesare Pavese, Calvino escreve ao diretor uma carta onde afirma:

Lhe escrevo, como amigo de Pavese, e também em nome de Giulio Einaudi e de outros amigos de Pavese, para agradecer o senhor pelo filme *Le amiche*. Estamos gratos por como o senhor e seus

colaboradores fizeram com que o nome de Pavese esteja relacionado a um nome tão importante quanto o Seu. A linguagem cinematográfica seca, com diálogos casuais e com muitas pausas, segue a lição do *understatement* típica de tantos escritores modernos, inclusive Pavese (Ibidem, p. 444).

Em 1956, escreve para Pasolini manifestando sua visão crítica sobre a antologia *Canzoniere italiano* e o livro de poemas *Ceneri di Gramsci* do poeta friulano; no mesmo ano publica *Fiabe italiane*, uma coletânea de contos populares italianos divididos por região<sup>6</sup>. No ano seguinte, manifesta sua predileção pela “mimese *clownesca* da realidade contemporânea (Picasso, Chaplin, Brecht)”, em carta para Francesco Arcangeli (Ibidem, p. 475); sempre naquele ano, Calvino publica o romance *Il barone rampante* e escreve uma carta para a direção do partido comunista italiano e para o jornal *Unità* comunicando e explicando os motivos de sua exoneração do partido. “O drama verdadeiro, para mim, foi ter entendido que classe operária e partido não coincidem mais”, escreve o autor para Lucio Lombardo Radice, após a invasão militar da ex-União soviética na Hungria (Ibidem, p. 521).

Em carta para Armando Bozzoli, em 1958, escreve sobre a multiplicidade de significados da imagem poética, significados que não estão em contradição entre si e sim “um grudado no outro como as folhas de uma alcachofra” (Ibidem, p. 537). Publica, neste mesmo ano, o romance *La speculazione edilizia*, apreciado pelo crítico Lanfranco Caretti que Calvino agradece em carta: “Nosso trabalho, no fundo, é o de criar problemas para que vocês os resolvam” (Ibidem, p. 540). Em '58 também fornece outra definição bastante importante sobre sua poética ao escrever para o escritor Carlo Cassola:

Contra a literatura dos “intelectuais”, onde tudo é manequim ideológico, concordamos perfeitamente. Foi, ao contrário, minha primeira atitude polêmica como escritor: contra Gide e a literatura do intelectualismo, escolhi Hemingway e a literatura dos fatos. Mas uma parte da literatura que você condena teve o mérito de expressar, com uma frieza que é poesia (e moral, sim, existe também um cinismo *moral*), a crueza e a monstruosidade do mundo contemporâneo.

---

<sup>6</sup> Lavagetto, em seu prefácio a *Fiabe italiane*, sublinha o interesse manifestado por Calvino, ao reescrever duzentas fábulas italianas, pela economia, o ritmo e a lógica essencial com as quais são escritas as fábulas (CALVINO, 2012, p. XXX).



*L'étranger* de Camus non filosofa nem ideologiza; e de Sartre, pelo menos o conto *Le mur* é assim (Ibidem, pp. 542-543).

Naquele mesmo ano escreve para Alberto Asor Rosa agradecendo a sua leitura crítica da *Speculazione edilizia* e, em particular, o que o crítico disse sobre a questão do autobiografismo presente no livro, autobiografismo que alarga por um lado os “limites do poético” e, por outro, compromete, segundo Asor Rosa, as “prerrogativas da arte”, vale dizer a “escolha” e a “exclusão”. Neste ponto, conclui Calvino, talvez esteja o grande problema da arte moderna: a “relação entre experiência subjetiva e representação do mundo” (Ibidem, p. 549). Sempre em 1958, escreve para Franco Fortini sobre sua profunda convicção daquilo que denomina de “moral do estilo”: “a identificação total do conteúdo (da verdade do indivíduo) com o estilo” (Ibidem, p. 564); define também sua própria narrativa como “racional” quando é fantástica e “realística” quando é puramente lírica<sup>7</sup> em carta para o crítico Cesare Cases em dezembro de '58 (Ibidem, p. 575). Em 1959, Calvino publica *Il cavaliere inesistente*, o último romance da trilogia *I nostri antenati*, reunida por Einaudi em 1960.

## Referências

ASOR ROSA, Alberto. **Stile Calvino**. Turim: Einaudi, 2001.

BARANELLI, Luca. “Advertência” in CALVINO, Italo. **Lettere 1940-1985**. Organização de Luca Baranelli; introdução de Claudio Milanini. Milão: Mondadori, 2000.

CALVINO, Italo. **Lettere 1940-1985**. Organização de Luca Baranelli; introdução de Claudio Milanini. Milão: Mondadori, 2000.

LAVAGETTO, Mario. “Prefácio” in CALVINO, Italo. **Fiabe italiane**. Milão: Mondadori, 2012.

MILANINI, Claudio. “Introdução” in CALVINO, Italo. **Lettere 1940-1985**. Organização de Luca Baranelli. Milão: Mondadori, 2000.

---

<sup>7</sup> Segundo Cesare Segre, no artigo *Italo Calvino. “Le città invisibili” e la vertigine epistemica* (publicado pela primeira vez em 2004 na revista *Strumenti critici*), toda a produção de Calvino se caracteriza pelo embate entre antinomias: geometria e realidade, inteligência e invenção, precisão e imaginação, sistema e liberdade e assim por diante (SEGRE, 2014, p. 1365).

PAVESE, Cesare. “Posfácio” in CALVINO, Italo. **Il sentiero dei nidi di ragno**. Milão: Mondadori, 2014.

SEGRE, Cesare. *Italo Calvino*. “Le città invisibili” e la vertigine epistemica in \_\_\_\_\_. **Opera critica**. Organização de Alberto Conte e Andrea Mirabile; introdução de Gian Luigi Beccaria. Milão: Mondadori, 2014.